

ORDENAÇÃO PRESBITERAL DE MANUEL MENDES

PÃO DE VIDA

NO caminho traçado pelo Senhor e que percorremos com esperança, conduzidos por graça pelo Bom Pastor, chegámos ao marco indelével da ordenação de Presbítero.

A Palavra de Deus tem prioridade absoluta e respondemos: — Aqui estamos! A imposição das mãos pelo Bispo do Porto, por acção do Espírito, selou-nos com o sacramento de relação pessoal com Cristo Cabeça, Pastor e Servo.

Nesta hora grande e preciosa do nosso itinerário, prostramo-nos e adoramos a origem e o fim da Criação: a Santíssima Trindade!!! E reconhecemo-nos pequeninos perante o dom concedido por Deus. Por isso, é mais importante guardar silêncio para agradecer, do coração, as maravilhas da vida.

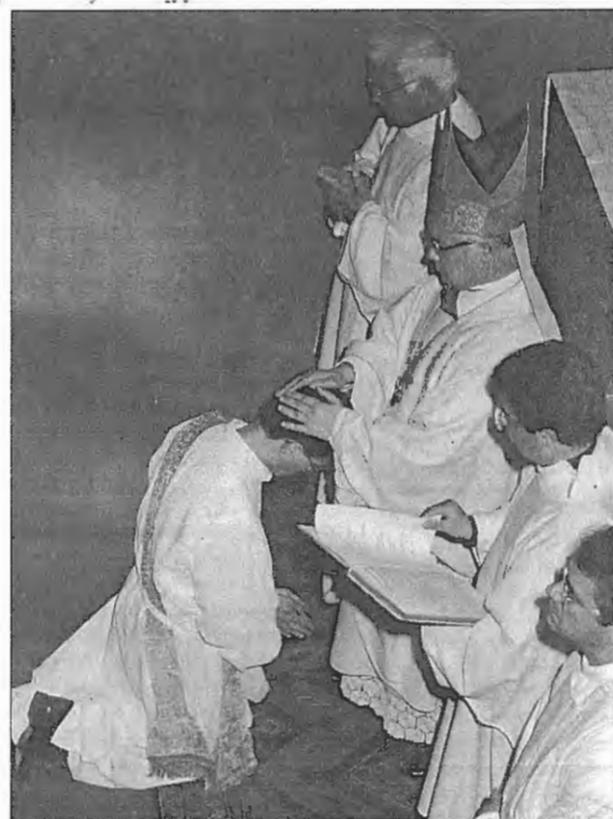
A vocação pessoal é uma história única e irrepitível de um diálogo inefável entre o amor de Deus que chama e a liberdade da pessoa humana, que responde amorosamente. Desde o Baptismo oferecidos a Maria, mais de três décadas evocam-nos intensas memórias, porque foram de descoberta e sintonia paciente da vontade de Deus para a realização do ideal evangélico: amar a Deus e ao Próximo. Na lareira, à luz do nome de Jesus, descobrimos o cerne da vocação cristã: «Deus é Amor»! No sacrário da nossa consciência, como adolescente, escutamos uma voz para seguir Jesus, vê-LO e ficar com Ele. Encontrados (vistos) por Deus, que nos chamou pelo nome, não andámos perdidos, aprendendo e tra-

balhando, mas fomos discernindo interiormente, na Escritura, na oração e na vida, o apelo a ser cristão ordenado. Com os olhos no Bom Samaritano, desenhou-se um imperativo forte no chamamento do Outro a algo de fascinante. Acompanhados, o toque decisivo de Deus foi claro, não resistimos mais e respondemos *sim* ao convite do Senhor: — *Segue-Me*. O Bispo acolheu-nos no Seminário Maior para nos configurarmos com Cristo, na procura dos conselhos evangélicos, com a ajuda e o compromisso da Igreja, em Presbitério. A sagrada Teologia ensinou-nos a beleza da abóbada dos saberes.

Vamos experimentando que o itinerário vocacional se alimenta fortemente da Palavra, da Ceia do Senhor e do encontro com as pessoas tocadas pela dor. *Sim!* É no sofrimento humano e no Ministério Eucarístico, no qual é anunciado e celebrado o Mistério Pascal de

Cristo, que está o segredo e o centro da nossa resposta à vocação presbiteral. De facto, a dura luta interior pela aproximação à presença eucarística, que cobre dois mil anos de vida da Igreja e a acompanha até ao fim do mundo, é o sinal de Deus na descoberta do dom e do mistério do chamamento que recebemos, para a participação como ministro ordenado no Povo da Trindade. Jesus Cristo, único Salvador do mundo, é o Pão para a nossa vida, também neste Grande Jubileu, intensamente eucarístico.

O testamento do seu Amor e o humilde gesto de lavar os pés aos seus discípulos são um mandato e uma inquietação do Senhor que respondemos com fé e obediência à Palavra. Cristo glorioso e vivo tem, desde agora, as nossas pobres mãos para presidir à celebração da Eucaristia e à Reconciliação, construindo comunidade, em nome de Cristo e da Igreja. E também continuar ao encontro urgente da presença divina, em especial nos Irmãos aflitos e perdidos, com cuidado pessoal e misericordioso. É uma graça que se exprime com admiração, como o Padre Américo, que afir-



Imposição das mãos sobre a cabeça do novo Presbítero Manuel Mendes, pelo Bispo do Porto, D. Armindo, na Sé Catedral, a 9 de Julho.

mou: «A missão do Padre é um mistério de luz»!

A nossa regra de vida é o Evangelho e levamos o tesouro do ministério em vaso de barro. Contemplando

o Mistério de Deus e em comunhão, queremos tomar a cruz e servir, para sempre, a Deus e aos Irmãos, no mundo e no Altar!

Padre Manuel Mendes

Benguela

ONTEM, fui concelebrar no Calvário com o Padre Manuel Mendes, recém ordenado. Depois da festa grande na paróquia e em nossa Casa de Paço de Sousa, foi a vez do Calvário. Ungido na Sé Catedral do Porto como servo do Senhor, passa em glória pelo meio do povo que o aclama, para mergulhar, de seguida, no mundo dos presos da penitenciária de Paços de Ferreira e dos doentes do hospital, até chegar ao Calvário. Foi o ponto alto da sua peregrinação do início do ministério sacerdotal. O itinerário escolhido é, na verdade, o sinal da presença viva de Jesus Cristo no meio de nós. Como nos faz bem este banho de alegria renovadora que fortifica a nossa Fé e faz mais sólida a Esperança. O mundo precisa de sinais que provocam impacto, geradores de atitudes de admiração e demolidores das seguranças levantadas sobre as areias do provisório e relativo. O Padre Manuel Mendes fala-nos, com o seu testemunho, do verdadeiro sentido da vida. Não fomos feitos para nós.

O 16 de Julho, festa da Obra da Rua, foi marcado, este ano, em nossa Casa de Paço de Sousa, pela celebração solene do Padre Manuel Mendes. Outra nota típica deste dia é o encontro com os rapazes e suas famílias, criados na Casa do Gaiato ao longo dos anos. Foram horas emocionantes. Por isso, estes dias que me são dados viver para repouso e renovação de energias, levam-me ao princípio, à raiz. Há vários anos que não experimentava.

Benguela está presente. As notícias dão conforto. Padre Custódio e Teresa vão ao leme. Vamos no mesmo barco. A festa é igual. A presença de Pai Américo é. A autenticidade da mensagem que nos deixou está na sua universalidade. Experimentamo-la. Portugal, Angola e Moçambique vivem-na. Obrigada!

Padre Manuel António

Nova tese sobre o Pensamento e Obra de Pai Américo

TIVE oportunidade há alguns meses de lhe fazer referência; e foi no passado 26 de Junho que se consumou a defesa dela e o Doutoramento, com a máxima classificação, do Doutor Ernesto Candeias Martins, na Universidade de Palma de Maiorca. Tenho em mãos um Resumo e o Índice do trabalho com mais de 1500 páginas, o que significa que nem o Resumo eu sou capaz de resumir. É obra que junta a ciência à paixão pelo tema, o que nem é de estranhar já que o seu autor é Professor na Escola Superior de Educação de Castelo Branco, que existe (e fiquei contente ao constatar-lo!) na Rua Professor Faria de Vasconcelos, outro nome grande, pouco conhecido e menos seguido, nas acanhadas fronteiras da Educação em Portugal.

Pois, naturalmente, não somos indiferentes a este acontecimento. O facto de Pai Américo — em quem avulta a paixão que não a ciência — despertar interesse e andar por lá nesta alta roda

da intelectualidade em que intervieram vários catedráticos portugueses e espanhóis, com a nomeação da tese «para os prémios extraordinários da Universidade das Ilhas Baleares», quer dizer que ele foi um homem de sumo que vários têm buscado e bebido sem o esgotar.

No desconcerto de tanta pedagogia nova que por aí se apregoa; no sofrimento de várias incompreensões do pensamento e da linha de acção de Pai Américo, tão simples, tão espontânea, tão inspirada da vida — é razoável que nos conforte o interesse em estudá-lo e as conclusões de valia a que chegam estudiosos deste nível. É que há mesmo seiva, garante da perennidade do pensamento. E se, na realidade, aparecem ramos secos no tronco principal, esses vêm das nossas fragilidades e de muito vento suão que sopra em volta e queima os rebentos.

Não sei se o autor da tese menciona algum ponto de reflexão sobre a diversidade dos tempos e o seu efeito demo-

lidor sobre princípios que são conaturais ao homem. A verdade é que os jovens de hoje, por si, são muito semelhantes aos de decénios atrás. A sociedade envolvente é que é muito mais virulenta e os contagia. Verdadeiramente é ela (a sociedade que os adultos produzem) a doente que urge cura radical.

Mais um trabalho de fôlego sobre o Padre Américo-pedagogo, que nos deixa mais amigos e mais gratos ao seu autor.

E continua de pé o desafio aos literatos — que foi, senão erro, a oportunidade da minha referida alusão a esta tese...

Quando teremos um trabalho de alto nível nesta área do cultivo da nossa Língua, tantas vezes mal tratada e que Pai Américo serviu tão bem?!

Padre Carlos

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

AUTOCONSTRUÇÃO

— É uma família numerosa, e pobre, que reside no extremo da paróquia, longe de tudo, de todos.

Com o produto de pequenina herança repartida, no cimo do monte compraram uma velha casa para alojamento de pais e filhos, ora reparada também, em regime de Autoconstrução, por um grupo de amigos do casal.

No entanto, pôs-se o problema da laje de tecto para fecho da construção:

— *Quem dera termos dinheiro para a encomendar...! E prã gente aproveitarmos o tempo — o resto do Verão...*

Foi então medida a área de tecto. Procurámos saber o respectivo custo. Encomendámos a dita: quase cem contos.

A telha será quase do mesmo valor, com certeza.

— *No resto, a gente cá s'arranjará como Deus quiser* — diz a pobre mãe que tem sido mártir.

Nós vamos acompanhando o serviço — porque precisam de ajuda — cuja acção se enquadra em nossa própria missão.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

— Com a presença de gente do meio cristão, houve recentemente um seminário, perto de Lisboa, organizado pela Cáritas sob o tema: «O papel da Comunicação Social na luta contra a pobreza e a exclusão social».

Uma conclusão:

«*Hoje não é possível estudar e compreender os fenómenos da exclusão e da pobreza, sem ter em conta as grandes mudanças e tendências sociais em Portugal*». Neste âmbito, «o desemprego de longa duração, a concentração urbana, o envelhecimento da população, a alteração das estruturas familiares, a emergência de novos grupos de risco, são importantes variáveis que contribuem para situações de exclusão social e de pobreza».

Os intervenientes concluíram, ainda, que «os excluídos não são simplesmente os rejeitados fisicamente (racismo), geograficamente (através de gueto) ou materialmente (traduzido na pobreza). Há outras formas de exclusão, nomeadamente o facto de 40% dos nossos jovens não completarem o 9.º ano de escolaridade».

Neste contexto, qual o papel dos média? «Um papel activo na denúncia das situações de exclusão e pobreza». Por outro lado, também, «um papel passivo e insuficiente no relato das situações vividas no concreto do Pobres e Excluídos e das instituições que trabalham o social». Defendendo que, nesta problemática, «não se devem fechar as portas à informação, ou seja, o jornalista deve saber

tudo, apesar de considerar, por questões deontológicas e éticas, que não deve divulgar tudo o que sabe».

Em suma, neste particular Pai Américo «foi Mestre», disse, um dia, algures, à nossa frente, um Prof. da Universidade Católica Portuguesa.

PARTILHA — Cinco mil, da assinante 18743, de Peniche. Idem, da assinante 66345, de Coimbra. Mais, idem, da assinante 29565, do Porto, «para as necessidades mais urgentes dos Pobres».

Ponte de Sor: doze mil, do assinante 59467, destinados «ao que considerarem mais necessário, de qualquer irmão necessitado».

Senhora da Hora: «O pequeno contributo da assinante 57002, referente aos meses de Maio e Junho. Que esta migalha possa ajudar um nosso irmão que se encontre em maior dificuldade, pois é dada sempre com muito carinho pelos que sofrem».

Leiria: «Vinte mil, fruto de pequenas renúncias de três assinantes: meu, minha mãe e outra. Fazemo-lo em memória do Padre Horácio, que tanto trabalhou pelos Pobres dos mais pobres. Minha mãe é a assinante 40307. Que Deus vos ajude e renove sempre a vossa coragem nesta missão de ajuda aos mais necessitados. Nós enviaremos, de quando em vez, pequeninas ajudas».

Santa Cruz do Douro: idem, de senhora muito nossa amiga.

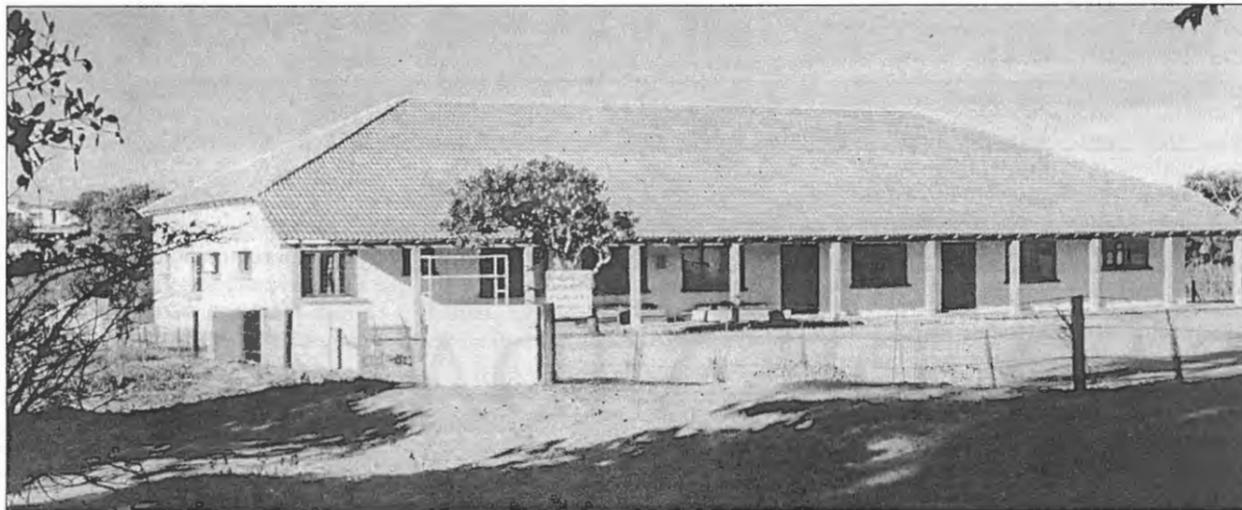
Rio Tinto: do assinante 2984, um cheque «para partilharem pelos que mais precisarem. Peço que guardem o anonimato».

Assinante 69164, da Covilhã: «Envio esta migalhinha pedindo que não se esqueçam de rezar por esta família. Leio com atenção o vosso Jornal que me serve de meditação para ver que ainda há muita gente a sacrificar-se pelos Outros. Tenho 62 anos e desde muito nova que tenho admiração pela Obra do Padre Américo».

De velho condiscípulo da extinta Escola Mouzinho da Silveira, Porto, assinante 11171, com um cheque de dez mil — «destinado aos Pobres». Saudações amigas!

Um vale do correio da assinante 56168, de Lisboa.

Presença regular, de há muitos anos, o assinante 9790, de



Casa da praia do Bilene (Moçambique) para férias da nossa Comunidade moçambicana.

Perosinho, segue com «pequenina ajuda», perorando uma oração «para que a Justiça e a Verdade sejam o lema das decisões de quem governa».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

AZURARA — O primeiro turno abriu a colónia de férias deste novo milénio e ano jubilar, em Azurara.

Encontrámo-nos neste deserto de praia carregado dos gritos das crianças onde a dimensão da praia é propriedade sua.

O vento ajuda a levantar os grãos das pequeninas areias postas em cima dos castelos e dos lagos construídos por eles. O mar, esse belo monstro, sempre inquieto e nervoso, vem sem pedir licença levar a construção feita com entusiasmo e eles ficam a olhá-lo pasmados seguidos dum gesto decisivo atirando-lhe mãos cheias de areia.

O Tó Manel viu o mar pela primeira vez e fica admirado, contando-lhe segredos, mas não se junta ao Nando — número um das aventuras de férias.

No domingo (nove) a sinfonia das ondas ajuda-nos a elevar o pensamento numa reflexão forte e silenciosa ao Manuel Mendes que celebrava a sua ordenação e com muita pena não pudemos estar presentes. Cada momento tem o seu gesto e a sua emoção próprios, bonitos ou feios. Vive-mo-lo juntos e respiramo-lo, deixámo-lo na memória e no coração.

A equipa

16 DE JULHO — O dia começou bem, com bom tempo e um bocado de ventania.

Tivemos muita gente amiga e alguns nossos irmãos da Casa do Gaiato de Coimbra.

Da parte da manhã, foi a celebração da «Missa Nova» do Padre Manuel Mendes, referida noutra local.

Da parte da tarde, o almoço para toda a gente. Actuou um grupo de música e nós também fizemos algumas habilidades.

O nosso dia acabou em grande!

«Melão»

FUTEBOL — Este ano o futebol resumiu-se em dois grupos. Os júniores e os juvenis chegaram ao fim de mais uma época. Resta-nos, como é normal, reflectir no que fizemos, no que poderíamos ter feito ou, simplesmente, no que poderia ter sido evitado.

Quanto ao grupo de júniores, não podemos dizer que a época tenha corrido mal, mas sabemos perfeitamente que poderia ter sido bastante melhor, o que

depararia da mentalidade de cada um de nós (atletas). Esperamos, como sempre, que tudo melhore com o tempo e com a ajuda do nosso treinador Lupricínio.

Quanto aos juvenis, todos ficamos contentes por eles. Tiveram uma época muito difícil por várias razões. Foi a primeira época que realizaram e portaram-se muito bem, os adversários eram muito fortes. Há que dar mérito e o devido respeito ao treinador Alberto Resende, que conseguiu formar uma equipa que poderá tornar-se muito forte.

Contentes com o seu trabalho, esperamos que continue conosco.

Depois do Alberto Resende nos ter dado oportunidade de ver actuar, em nossa Casa, equipas do F. C. do Porto, Guimarães, Boavista, Varzim, Espinho, Paços de Ferreira; e ainda não menos importante a ida dos mais novos ao Estádio da Luz para um jogo com os miúdos do Benfica. E outra, ainda, ao Beira-Mar. Despedimo-nos desta época desportiva num jogo com o Vizela.

AGRADECIMENTO

— Muito embora o tenha feito por carta, queremos agradecer, uma vez mais, à Fábrica de Malhas do Amial, bem como a todos os intervenientes nesta oferta de t-shirts e roupa interior, que nos foi entregue pela mão do senhor José Alberto Carneiro. Bem hajam.

Reporter V. C.

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

16 DE JULHO — Mais uma vez, alguns dos antigos gaiatos e seus familiares, estiveram presentes em Paço de Sousa para recordar aquele que para todos foi conhecido como Pai Américo.

Passaram já 44 anos do seu falecimento e, com muita satisfação, verificamos que a maio-

ria dos seus filhos, ainda vivos, que conviveram com ele desde a abertura da primeira Casa do Gaiato, em Miranda do Corvo, de 1941 até 1956, jamais o esqueceram, e todos os anos se deslocam a Paço de Sousa para testemunharem a sua gratidão.

Alguns dos presentes, hoje com setenta ou mais anos, lá estiveram acompanhados de suas esposas, filhos, netos e bisnetos. Hoje, a Obra da Rua é uma Família numerosa, espalhada por todos os cantos de Portugal e estrangeiro, que neste dia 16 de Julho, se junta para dar graças a Deus por terem tido a sorte de caírem no regaço de Pai Américo.

Este ano, o nosso convívio teve um acto muito especial, pois a Missa foi celebrada por um neto da Obra da Rua, o Padre Manuel Mendes, ordenado em 9 de Julho. Foi com muita emoção que os presentes acompanharam a celebração Eucarística e as palavras que o Padre Manuel Mendes nos dirigiu. Obrigado Emília, obrigado Júlio Mendes, obrigado Pai Américo.

ASSEMBLEIA GERAL

Pelas dez horas da manhã, foi realizada a Assembleia Geral da Associação para discussão de assuntos de interesse para a colectividade e eleição dos corpos sociais para o ano em curso.

Apresentada uma lista, foi a mesma aprovada com a seguinte constituição:

Direcção

Presidente, Carlos Gonçalves; vice-presidente, Jorge Alvor Cabi Lama; secretário, Maria Cândida B. S. Dias; tesoureiro, Delfim Ferreira; vogais: Carlos Alberto Lopes de Melo, Joaquim Mendes, António Fernandes, Joaquim Gomes.

Assembleia Geral

Presidente, José Lemos; secretário, Valdemar Soares; vogal, Augusto Cunha P. Carlos.

Conselho Fiscal

Presidente, José Eduardo; secretário, Lourenço Martins;



O mar dá alegria aos nossos rapazes!



SETÚBAL

Final da temporada de Festas

A oito de Julho chegámos ao final de mais uma temporada de Festas. Os rapazes não trocam o Luísa Todi por nada. Para eles a grande Festa é a do Fórum Municipal em Setúbal. Quando tivermos vez é que entramos. Não pôde ser mais cedo.

Percorremos com o programa uma boa parte da Diocese de Setúbal, batendo mais as terras próximas.

«Não somos uma Obra de apilarar meninos» — como escreveu o Padre Américo. Sim, respeitamos a dignidade de cada um, sem nunca fazer deles uns *coitadinhos*. Como foi, é, e continua a ser prática de muitas instituições dedicadas a crianças sem família, providas de técnicos de toda a categoria, comendo todos do erário público, promovendo cursos de nada, distribuindo diplomas para inglês ver, atirando assim areia para os olhos dos cegos.

Liberdade, responsabilidade, hábitos de trabalho, amor à verdade, combate à mentira e ao roubo, destruição da fraude e conquista da dignidade feita por cada rapaz na Casa do Gaiato foram o sumo doce com que enchemos a arte, a poesia e o divertimento do espectáculo oferecido aos nossos Amigos, à maneira de lhes dar contas.

As salas encheram-se todas de entusiastas desta Obra. Gostaríamos também que alguns homens, daqueles que nos caluniam gratuitamente, nos desrespeitam vergonhosamente e nos perseguem persistentemente, viessem também apreciar os rapazes na sua exibição. Não vieram. Já estamos habituados. Já sabíamos que não vinham. A história está farta de atitudes semelhantes. Foi sempre assim no decurso do tempo. A cobardia é a sua arma. O Repto foi lançado.

Consolou-nos muito a presença tão maciça de gente sensata, sofredora incansável da miséria das ruas e esperan-

çosa nesta Obra. Gente que se alegra e se anima nos resultados postos diante dos seus sentidos.

Eu só interfeiri escrevendo os textos e ensinando os rapazes a dizê-los bem. Tudo o resto foi obra deles.

Begas foi quem se pôs à frente, se rodeou de companheiros ajudantes que com ele arquitectaram o espectáculo deste ano e o puseram de pé, surpreendendo-me em muitas criações.

Hélder Franco mais o Guilherme encarregaram-se da parte cômica. O cenário foi obra deles. As luzes e o seu efeito incumbência do João Mário e do João Carlos. E o som, trabalho do Evelísio. Sousa deixou a sua família e veio dar uma mãozinha.

Não pedimos nem tivemos ajudas de qualquer entidade oficial. Até o transporte dos artistas, do guarda-roupa e dos imensos materiais e máquinas que a representação exige, foi obra deles e nossa.

Valeu-nos, como ajuda, uma carrinha de sete lugares que o senhor Padre Vieira pôe sempre à nossa disposição, nos fins-de-semana, desta temporada.

A propaganda e o dinheiro ficam, de há largos anos, a cargo do Freitas e da sua esposa que ajuda nas roupas e pinta os rapazes.

É tudo *prata da casa* e fruto de muita generosidade.

Em todas as terras, no fim do espectáculo houve sempre ceia abundante para o elenco. Preparada por quem? Por quem ama e vive a Festa dos gaiatos. Pede aos vizinhos e amigos, telefona, vai de porta em porta levada pela força que nos anima. Sobrou sempre. De algumas trouxemos mais do que comemos. Por ordem de datas aí vai o resultado monetário:

Quinta do Anjo, 130.680\$00. Palmela, 229.190\$00. Cabanas, 222.190\$00. Pinhal Novo, 215.500\$00. Montijo, 1.512.650\$00. Almada, 345.090\$00. Sesimbra, 406.600\$00. Setúbal, 624.000\$00. Estoril, 359.325\$00.

Padre Acílio

HÁ duas semanas que a nossa Casa vinha preparando a festa de Pai Américo. «Este ano queremos-la diferente», eis o desejo de todos os rapazes. Os mais velhos diziam que, como estamos em Ano Jubilar e celebramos o Jubileu das Crianças, dos Jovens, etc., é justo que os gaiatos celebrem também o Jubileu de Pai Américo. Foi com este espírito que começaram a preparar a liturgia e a parte recreativa. Aprendemos novos cânticos, um grupo ensaiava os gestos e danças para a grande celebração. Foi bonito e impressionante vê-los activos e entusiasmados. Na verdade, os rapazes de Benguela já assumiram muito bem que a Obra da Rua é «de Rapazes, para Rapazes, pelos (próprios) Rapazes».

Na sexta-feira, 14 de Julho, quando faltavam apenas dois dias para a nossa celebração, quase todos ficaram *desesperados* ao verem-me deitado na cama cheio de febre. Fraco e sem energia devido ao paludismo. Tinha 4 cruzes. Todos estavam preocupados com a festa, queriam saber se até domingo ficaria recuperado. Alguns disseram que não queriam que fosse um Padre de fora a celebrar a festa de Pai Américo.

Assim, no domingo, mesmo sem forças, fui ao nosso salão celebrar a Eucaristia de Acção de Graças pelo dom de Pai Américo. Foi uma celebração bonita, solene e profunda. Foi animada pelos rapazes. Estavam presentes

A festa de Pai Américo em Benguela

os antigos gaiatos e as suas famílias. Baptizámos uma criança, filho de um antigo gaiato que fez questão de que fosse um Padre da Obra a baptizar o filho.

Durante a celebração, os rapazes dançaram e cantaram com muita alegria. Todos estavam felizes. Era o Jubileu de Pai Américo, era o Jubileu da Obra da Rua, era o Jubileu da nossa Casa do Gaiato de Benguela.

A procissão do ofertório foi impressionante. Os rapazes apresentaram os produtos do nosso campo. Frutos do suor e trabalho de cada um de nós. Foi muito bonito vê-los a cantar e a oferecer a Deus tudo o que são e tudo o que têm. E bem baixinho eu ia dizendo: «Aceitai Senhor a nossa juventude, a nossa vida e o nosso amor».

Depois da Missa almoçámos todos juntos. Partilhámos o que tínhamos com muita alegria. Era uma festa de Família e sentimo-nos em Família. A parte da tarde foi dedicada à recreação e à entrega de prémios aos melhores atletas da Casa: os que ganharam no «Torneio Pai Américo», realizado dia 15, véspera da festa.

Foi assim que celebrámos o Jubileu de Pai Américo.

Padre Custódio Langane

Uma semana de preparação e foi suficiente. Começámos a vibrar no sábado, à tarde, com vários jogos. Toda a rapaziada triste a comentar quem seria o celebrante, que o Padre Custódio estava de cama.

— *Outro Padre que não seja da Obra da Rua?*

Não vai ter sentido. Logo na manhã de domingo o nosso Padre Custódio encheu-se de coragem, com o Espírito Santo sobre ele, paramentou-se e celebrou a grandiosa Missa com a ajuda de um diácono. Foi muito animada pelos rapazes e notei que são capazes de tudo, dançando e embelezando o ritual da Missa.

Tivemos o calor dos mais velhos, os antigos gaiatos; todos animados, embora o nosso Padre Manuel esteja ausente.

Foi outra, diferente, com novidades. É muito natural que cada um tenha a sua maneira de administrar, e não fujam muito do habitual. Foi uma graça vinda do culto. Obrigado.

Zacarias

vogal, Manuel Pinto («Amarante»).

É intenção dos elementos eleitos levar a nossa Associação ao nível que já teve em anos anteriores. Para que isso seja possível, contamos com a colaboração de todos os antigos gaiatos.

Inscribe-te como sócio, enviando o teu nome completo e morada para a Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa, ao cuidado do Carlos Alberto. Contamos contigo.

Carlos Gonçalves

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — A Obra da Rua vive momentos de grande alegria jubilar, porque o Pai do Céu acabou de lhe dar mais dois Presbíteros.

Esta alegria de ser partilhada por todos nós e também pelos nossos Pobres.

O nosso júbilo é ainda maior porque um dos novos Presbíteros é neto da Obra da Rua, filho do nosso Júlio Mendes. Quanta alegria no coração destes pais!... Quanta alegria, lá no Céu, para o nosso Pai Américo!... Não terá sido por sua interferência junto do Pai do Céu? Com certeza que foi.

Ainda há dias, Padre Carlos desabafava comigo acerca da necessidade de sangue novo para a Obra. O Pai do Céu, sempre atento às nossas preocupações, responde assim ao nosso Padre Carlos.

Os homens que fizeram o mundo cristão, chamavam-se Apóstolos, sobre os quais desceu o Espírito Santo, que era o fogo de Deus.

Hoje há quem chame ousadia (e não será?), quem toma a sério o Evangelho.

Pois que o fogo de Deus faça arder nos corações dos novos Padres o amor pelo rapaz pobre que necessita do seu amparo. O amor pelos Pobres dos *Barredos* que há por esse Portugal fora e por esse mundo além. São os Pobres que têm o poder de dar o Paraíso.

Pobre é expressão de ternura e leva-nos mais próximos de Deus.

Para os novos Presbíteros, Custódio e Manuel Mendes, o nosso muito obrigado.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Olga e Valdemar

RETALHOS DE VIDA

Mário

Chamo-me Mário de Castro Viegas. Agora tenho dez anos, pois nasci em Lagos, a 19 de Julho de 1989.

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, com o meu irmão, porque o meu pai abandonou-nos, há seis anos, e tínhamos necessidade de quem nos ajudasse. Frequentei o quarto ano de escolaridade obrigatória e passei para o quinto ano. Quando for grande quero ser maquinista de comboios.



Mário Viegas

TRIBUNA DE COIMBRA

Peregrinação jubilar

A Paróquia de Mira esteve em nossa Casa, encerrando aqui uma acção celebrativa do Ano Jubilar. Depois de cumpridos alguns pontos, chamados assim, mais cultuais, em Igrejas apropriadas, vieram manifestar nesta última etapa da sua peregrinação a outra dimensão do Jubileu — a dimensão da caridade evangélica. E foi uma manifestação alegre e generosa.

Mira é a paróquia donde é natural o nosso Padre Horácio que Deus tem. A sua pessoa e a sua vida de entrega ao serviço dos Pobres, bem como a sua *passagem*, não podia passar despercebida, muito menos neste Ano Jubilar. E assim foi. Após o almoço o nosso improvisado salão de festas foi pequeno demais para conter as mais de 600 pessoas que se juntaram para ouvir falar da Casa do Gaiato, do Padre Américo, do Padre Horácio. Foi uma sessão muito viva e interpelante. As pessoas participaram com as suas perguntas. Muitos nunca tinham vindo à Casa do Gaiato apesar de terem ouvido o Padre Horácio falar muitas vezes dela na sua própria terra. A generosidade concretizou-se numa colecta que rondou os 350 contos. Da Lentisqueira, terra natal do nosso Padre Horácio, vieram muitos sacos de batata, sacos de laranja, mercearias, roupas, calçado e muitos outros mimos que a Mabília tem aceitado quase diariamente em nossa casa da praia de Mira, onde se encontram em férias os nossos mais pequenos.

Ao fim deste dia, um sábado, celebri com os rapazes. Tive uma «mais-valia» para lhes falar do amor que Deus nos tem. Disse-lhes, claro, que esta gente toda tinha vindo em peregrinação jubilar. Disse-lhes, também, para que me compreendessem, que poderiam ter ido para a praia que lhes ficava mais perto e num dia tão quente, comer uma sardinhada e dar uns mergulhos; que numa comunidade cristã onde há caridade e amor, isso não é mal nenhum... Mas que não! Tinham vindo à Casa do Gaiato por ser Ano Jubilar. Depois, vi que podia ir mais longe e disse-lhes que assim estavam a recordar a Encarnação de Jesus, «o carpinteiro, Filho de Maria». Também lhes disse que, como no tempo de Jesus, muita gente tem dificuldade em reconhecê-lo ainda hoje nos Pobres e infelizes; que muita gente O troca ou vende na sua consciência e no seu coração. E concluí: que apesar de tudo Jesus não desanimou, não condenou; apenas Se admirou com a falta de fé daquela gente...

A nossa gratidão à Paróquia de Mira por este gesto jubilar eloquente que nos enriqueceu a todos.

Padre João



No momento da homilia

16 DE JULHO

Um dia de festa

NEM de propósito! Neste Ano Jubilar, o nosso 16 de Julho calhou ao domingo. O programa apresentado era aliciante: às 9 h, concentração; 9.30 h, visita ao lugar da nossa saúde; 9.45 h, reunião da Associação dos Antigos Gaiatos sediados no Norte; 11 h, Celebração da Eucaristia, «Missa Nova» do Padre Manuel Mendes; e às 13 h, almoço-convívio.

A concentração, a exemplo de anos anteriores, é um momento sempre especial. São os primeiros abraços e o querer saber (no bom sentido), da vida e das novidades dos que vão chegando, na perspectiva, sempre aguardada, do bem-estar de cada um.

A visita à nossa Capela onde repousa a razão da nossa saudade é, toda ela, o primeiro momento de silêncio e de oração perante o Pai, no seio de Quem Pai Américo está. Como de costume, foi depositado um ramo de flores, como símbolo da nossa sentida e sincera homenagem.

É também importante o encontro dos gaiatos antigos com a sua Associação para que continui a existir o espírito que deu sentido à iniciativa, em boa hora despertada, no coração de alguns de nós, ou seja: manter os laços familiares à Obra da Rua e ajudar os nossos irmãos de menor capacidade a vários níveis. Da reunião saiu a eleição dos corpos sociais, rápida e democraticamente aceite.

O momento alto de qualquer festa de cristãos é vivido à volta da mesa eucarística. Como aconteceu neste ano, acrescido e enriquecido de uma realidade que, como disse o nosso Padre Carlos na sua *moçambicana* «Nota da quinzena», levou sessenta anos de espera... na esperança. No entanto e como em 1998 escreveu, «Deus não tem pressa. A preparação dos Seus eleitos é ponto fundamental dos Seus desígnios sobre eles».

Assim, neste 9 de Julho de Ano Jubilar, Deus concedeu-nos o privilégio de um novo Padre, o primeiro nascido no seio de uma família gaiata: A Emília e o Júlio Mendes. Chama-se Manuel António dos Santos Carvalho Mendes e é, para alegria nossa, neto da Obra da Rua. É nosso e vai dar sentido à promessa-certeza de que o que vem de Deus não morre no coração do Homem, como é a Obra da Rua.

O cortejo litúrgico saiu da nossa Capela e seguiu até ao largo do hospital. Chegados, entoou-se o *Cantarei a bondade do Senhor* e Padre Carlos, numa breve mas significativa introdução, disse do júbilo que inundava o seu e o coração de todos nós. O coro deu brilho a todos os cânticos e a homilia do nosso Padre Manuel Mendes foi dedicada à vocação presbiteral.

No final da Celebração Eucarística, antes do beija-mão, as suas palavras foram um autêntico hino de louvor à

Santíssima Trindade e de agradecimento a todos aqueles que o ajudaram na caminhada que percorreu até à ordenação presbiteral, a 9 de Julho, pelo Bispo do Porto, D. Armindo.

Ele bebeu da fonte inesgotável da Família. Inspirou-se na vida admirável de Pai Américo e há-de, com certeza, terminar no seio da Igreja, também ela Mãe. Em determinada altura da sua homilia disse que «a relação do Padre com o mundo, radica na sua vocação humana e condição de baptizado» e, por isso, «implica viver submerso no meio do mundo partilhando os dramas da humanidade». Esta sua convicção leva-nos a acreditar que o caminho que vai percorrer o vai conduzir à vida que caracterizou Pai Américo, comunhão dos sofrimentos dos nossos Irmãos.

Apetece-nos, também, citar a interpeção final da homilia: «Será que a sua vida, na linha de Cristo Pastor e Servo, ainda é um desafio e uma responsabilidade para nós?» Se sim, o desejo de Pai Américo: «Eu quero os meus filhos no Paraíso!», será concretizado.

Terminada a celebração, toda ela um autêntico hino de Acção de Graças e ainda sob os acordes de «Ide por todo o mundo e anunciai a Boa Nova», dirigimo-nos para o convívio à volta de uma refeição bem preparada, devidamente apreciada e abrilhantada pelo conjunto «Pentágono». Uma palavra de estímulo também para dois dos nossos rapazes que continuaram e terminaram com este convívio. Depois, foi a debandada. Não é, como em alguns, um momento de tristeza porque alicerçado na esperança de que, para o ano, há mais (se Deus quiser).

Cândido Pereira

PENSAMENTO

A argamassa dos nossos templos é feita de Pobreza!

PAI AMÉRICO

Casa do Gaiato de Moçambique

É impossível conhecer esta Casa só pel'O GAIATO. É preciso vir lá. Tive essa feliz oportunidade ao acompanhar o Padre Carlos na sua viagem a Moçambique, a propósito da ordenação do Padre Custódio.

Antes de mais, é de recordar que a antiga Casa do Infulene foi nacionalizada e ocupada pela Polícia. O Padre José Maria viu-se obrigado a deslocar-se para o Seminário da Namaacha com toda a sua gente. Os comissários políticos fizeram-lhe a vida impossível. Tudo se desmoronou e dispersou.

Entretanto, Moçambique não saía do seu pensamento. Voltou. Começou do nada. Só pedra e capim naquele sítio a alguns quilómetros de Boane, na Massaca, a 20 Km de Goba. São 762 hectares! É um mundo!

São o Padre José Maria, agora o Padre Custódio, a Irmã Quitéria e 150 gaiatos.

Eu não sabia como era uma Casa do Gaiato. Se aquilo é uma «desorganização organizada» eu não sei o que é uma «organização desorganizada». Tudo hierarquizado, tudo coordenado, não se vê ninguém a dar ordens, todos sabem a sua obrigação a cada momento. No refeitório, estejam as visitas que estiverem, o chefe Nicolau, do alto dos seus quase dois metros de altura, espera que todos façam silêncio, diz o que tem a dizer e reza. Cada mesa tem um chefe. Os dez «Batatinhas» cabem todos no colo da Irmã. A alimentação é boa, as casas são boas, a limpeza é total.

A dominar toda aquela imensa área, está a Capela. Ficava-lhe melhor o nome de *Catedral*, e *Catedral* de capim, porque vai ser coberta com isso mesmo. É uma palhota circular, enorme, sem paredes laterais, que leva 600 pessoas sentadas em anfiteatro. Na capela-mor há vitrais de João Araújo. Do vitral do tecto vê-se a Capital. Lá em baixo, do lado direito, um lindíssimo lago em cujas águas se deliciam dezenas de patos e gansos selvagens.

A maior parte dos gaiatos veio das ruas da Capital onde continuam, às centenas, muitos outros, no roubo e na promiscuidade.

Todos os gaiatos têm uma obrigação na Casa. Todos estudam nas escolas da Casa ou

fora. Gaiatos mais velhos estão na África do Sul a fazer cursos que os habilitem a empregos.

Vamos agora dar outra volta por lá abaixo. Serralharia e sapataria. Fábrica de blocos, carpintaria e agro-pecuária. A pecuária são cabras, vacas, galinhas, coelhos, patos, etc. Os gaiatos sabem tratar de tudo.

Seguimos, depois, para a exploração agrícola. É um mundo! Batata doce em quarteiros a perder de vista. Vai lá um grupo de mulheres da Massaca a plantar mais. Recebem o seu salário. Uma extensão de feijão verde que é regado por um «pivot» de 280 metros de diâmetro. Na extensão semeada ultimamente, onde estava milho, vêm-se, ao fim da tarde, centenas de rolas, galinhas do mato e

gansos bravos. É um espectáculo. Os olhos de quem é caçador ficam ali... Bananeiras, papaias, tomate, laranjeiras, limoeiros, couve, etc. Há máquinas para todos os trabalhos. O problema é quando avariavam. Não há peças.

Mas a Casa do Gaiato não é só isto. Há também a Massaca com infantiário, escola, cuidados de saúde, padaria, etc. Assentamentos dos quatro caminhos, na Massaca e do Picoco, em Boane são aldeamentos em construção para as populações afectadas pelas cheias. Não se dá tudo. Motiva-se, ensina-se e leva-se a gente a fazer as suas habitações e a organizar-se. Changalane e Mahelane estão também a ser apoiadas. Na primeira, o Padre José Maria instalou uma pequena fábrica de farinha de mandioca para melhor rentabilização da cultura deste tubérculo. A gente de Changalane está a andar muito bem por si própria.

Tem escolas, infantiário, apoio sanitário, etc.

A coordenação de tudo isto exige muita dedicação, muito trabalho, muita paciência, muita persistência. O Padre José Maria e a Irmã Quitéria têm tudo isto sem medida.

La-me esquecendo da Colónia de Férias no Bilene. É uma casa nova, muito agradável, situada perto da praia.

Toda a acção da Casa do Gaiato de Moçambique é um factor extraordinário de promoção humana, económica, social, cultural e religiosa para toda aquela gente, com uma projecção enorme para o seu futuro. Mas, para a conhecer, é preciso ir lá.

Uma breve referência à ordenação dos Padres Custódio e Eduardo. A Sé Catedral de Maputo extravasou de gente. Foi uma liturgia perfeitamente inculturada. Cantou-se em português e em changana. Toda a

gente dançou. Na Acção de Graças, o Presidente da Assembleia, Cardeal Alexandre, desceu ao arco do cruzeiro e integrou-se na alegria daquelas centenas de cristãos entre os quais se encontrava o Presidente Chissano que se exprimia do mesmo modo. No final ninguém tinha dado conta de que tinham passado cinco longas horas!

O almoço começou às cinco da tarde na Casa do Gaiato. Presente o Presidente da República, que no discurso final convidou toda a gente para a grande Acção de Graças. Ele próprio começou a cantar «Ó Anjos cantai comigo» no que foi acompanhado imediatamente e com entusiasmo por aquelas duas centenas de pessoas, familiares e amigos do Padre Custódio. Só visto!

N.R. — Eis o testemunho irreprimível do nosso Amigo

Padre Pinho



A Capela é uma palhota circular, que leva seiscentas pessoas sentadas em anfiteatro. Falta-lhe a cobertura de capim.